

ACÇÃO CULTURAL PARA LIBERTAÇÃO: OS ERROS METODOLÓGICOS EVIDENCIADOS PELO FILME “O POÇO”

CULTURAL ACTION FOR LIBERATION: METHODOLOGICAL ERRORS HIGHLIGHTED BY THE FILM "THE PLATFORM"

Marcos Orso da Fonseca¹
Michel Corci Batista²

RESUMO

Paulo Freire pode ser considerado uma referência no pensamento libertador da contemporaneidade. Sua construção teórica foi capaz de sistematizar uma teoria das ações coletivas dialéticas, pensando não somente em compreender a sociedade da época e seus mecanismos de práxis, mas também um contraponto a estas práxis, pensando não na perpetuação social, mas na mudança da realidade concreta. Entretanto, ainda que existam subsídios teórico-metodológicos da ação cultural para libertação, seja nos movimentos sociais, seja na escola enquanto esfera social responsável pela formação humana, frequentemente pode ser observado práticas libertadoras que utilizam de metodologias dos grupos dominantes em seu desenvolvimento. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a educação para libertação contida no filme “O Poço” buscando clarificar os processos coerentes de emancipação dos oprimidos, conforme a ótica de Paulo Freire. A pesquisa é de natureza qualitativa, utiliza-se dos pressupostos da pesquisa documental para a constituição dos dados. A análise dos dados constituídos se dá de maneira dedutiva e, sustenta-se na teoria da Educação Libertadora de Paulo Freire. Por meio da arte, é possível tomar distância epistemológica da realidade concreta para admirá-la, desta forma, analisar o filme “O Poço” como um documento histórico revela fatos corriqueiramente esquecidos pelo quefazer da ação cultural para a libertação. Com isso, é cada vez mais urgente revisitar as teorias críticas da ação cultural para libertação, sejam elas gerais ou aplicadas diretamente à escola, pois o realismo capitalista impossibilita uma ação autenticamente transgressora.

Palavras-chaves: Paulo Freire; Educação Libertadora; Realismo capitalista; Conscientização.

ABSTRACT

Paulo Freire is widely regarded as a key figure in contemporary liberatory thought. His theoretical framework systematizes a theory of dialectical collective actions, aimed not only at understanding society and its praxis mechanisms of his time but also at challenging these mechanisms to foster concrete social change rather than perpetuation. Despite the availability of theoretical and methodological resources for cultural action for

¹ Doutorando e Mestre em Educação para Ciência e a Matemática (PCM) pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. e-mail: marcosorso03@gmail.com.

² Doutor em Educação para a Ciência e Matemática pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Professor Adjunto do departamento de Física da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Campo Mourão. Professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Física (UTFPR - Campo Mourão), do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR - Londrina) e do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática da Universidade Estadual de Maringá - UEM. e-mail: profcorci@gmail.com.

liberation—whether in social movements or within schools as social institutions responsible for human development—liberatory practices frequently adopt the methodologies of dominant groups. This study aims to analyze the concept of education for liberation as depicted in the film "The Platform" (2019), seeking to clarify the processes consistent with the emancipation of the oppressed, from the perspective of Paulo Freire. The research employs a qualitative approach, utilizing the principles of documentary research to gather data. The data analysis is conducted deductively and is grounded in Freire's theory of Liberating Education. Through art, it is possible to gain epistemological distance from concrete reality, allowing for critical reflection. By analyzing the film "The Well" as a historical document, this study uncovers aspects often overlooked in the praxis of cultural action for liberation. This underscores the urgent need to revisit critical theories of cultural action for liberation, both in general terms and as they apply directly to educational contexts, as capitalist realism inhibits authentically transgressive action.

Keywords: Paulo Freire; Liberating Education; Capitalist Realism; Conscientization.

INTRODUÇÃO

Durante meados do século XX, diversos movimentos sociais emergiram no seio de sociedades de Norte a Sul no globo. Com o término da Segunda Guerra Mundial, o estado de bem-estar social prejudicado e a sucessiva Guerra Fria impeliram movimentos de emancipação, seja de grupos sociais ou de independência nacional, negando o Colonialismo de séculos de opressão (Memmi, 2023).

Nesse contexto, Paulo Freire foi um dos expoentes com influência global ao criar um modelo de educação que pudesse dar cabo da humanização dos grupos oprimidos, ou seja, a educação é vista pela primeira vez como fator de mudança social. Dentro dos movimentos por libertação, o educador foi clarificando uma teoria crítica que visasse a emancipação coletiva dos indivíduos, abdicando dos ideais capitalistas neoliberais e do pensamento colonial. (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023). Tal qual o testemunho de Sócrates ou dos filósofos estoicos como Epicteto e Sêneca, Paulo Freire dedicou sua vida a práticas coerentes com seus ideais, não se abstendo ao pensamento político-educacional idealista, nem tampouco ao ativismo acrítico.

Por isso, o autor pode ser considerado uma referência no pensamento libertador da contemporaneidade. Entretanto, ainda que existam subsídios teórico-metodológicos da ação cultural para libertação, seja nos movimentos sociais, seja na escola enquanto esfera social responsável pela formação humana, frequentemente pode ser observado práticas libertadoras que utilizam de metodologias dos grupos dominantes em seu desenvolvimento, algo já denunciado por Freire em vida (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023).

Com base nessas contradições, entende-se como necessário a revisão da postura libertadora freiriana para iluminar as práticas de libertação tanto desenvolvida nas escolas como no âmbito dos movimentos sociais. Pensando nisso, esta necessidade de elucidação do processo de libertação ganha luz frente ao filme “O Poço” (2019), que apresenta uma narrativa pertinente ao tema proposto. O filme foi desenvolvido como uma crítica social aos processos de hierarquização social, visto que apresenta um cenário distópico similar ao que apresenta o curta metragem “A ilha das flores” (1989). Em ambas as produções audiovisuais, os seres humanos retratados têm de se alimentar de recursos insalubres, já consumidos por outros seres.

“O Poço” apresenta uma prisão vertical que tem em sua essência a disponibilidade de recursos como realidade opressora. A comida vai alternando de um nível a outro, cada vez mais consumida, chegando aos níveis inferiores como restos impalatáveis, ou mesmo sem que os recursos cheguem a todos que vivem ali. O filme faz uma crítica indireta aos movimentos que ocorrem na sociedade, não através da caricatura, mas sim da denúncia. Este tipo de processo é comum às artes, pensando dialeticamente, a vida imita a arte e a arte imita a vida. Isso não no sentido literal, mas que ambas, a arte e a vida, sendo produções humanas, por isso históricas, se dão em sentidos análogos, por vezes convergentes. Portanto, esta pesquisa tem por objetivo analisar a educação para libertação contida no filme “O Poço”, buscando clarificar os processos coerentes de emancipação dos oprimidos, conforme a ótica de Paulo Freire.

Salienta-se de antemão que: I) a produção do material audiovisual não apresenta uma correlação direta com o referencial teórico adotado neste trabalho, portanto, Paulo Freire.

Deste modo, trata-se de uma interpretação autoral de que a película fornece material para ser dialogado com a teoria do educador. II) As perspectivas analíticas do trabalho vão no sentido da pedagogia da arte, ou seja, que o material de análise apresenta codificações que podem ser decodificadas à luz de Paulo Freire num sentido pedagógico ético, estético e político (Freire, 2022e).

1. O FILME

“O Poço” (2019) é uma produção audiovisual espanhola de 2019, dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia, com roteiro de David Desola e Pedro Rivero, de gênero suspense e classificação indicativa não recomendada para menores de 16 anos. O filme foi produzido pela Netflix e compõe o catálogo da plataforma de *streaming*. Em aspectos gerais, a produção abarca um cenário distópico para desnudar problemas sociais que estão no âmago da sociedade capitalista e sobretudo neoliberal (Silva, 2020).

O filme se inicia com pessoas numa cozinha preparando alimentos e inspecionando sua qualidade, mas logo a captura se encaminha para o protagonista, Goreng. O personagem, durante uma conversa com seu companheiro de cela, Trimagasi, vai descobrindo o que é e como funciona o Poço. Trata-se de uma prisão vertical composta por níveis (quartos-celas) habitados por 2 indivíduos cujo centro é um fosso de altura indeterminada. Uma vez por dia, uma plataforma faz o trajeto de todos os níveis, saindo do nível 0 (no topo) até o fundo do Poço e depois retornando ao local de origem. Nela são dispostos alimentos que vão sendo consumidos pelos indivíduos a cada nível que passa, ficando os primeiros níveis privilegiados de recursos enquanto outros comem suas sobras ou nem ao menos conseguem se alimentar.

“Existem 3 tipos de pessoas: as de cima, as de baixo e as que caem” – diz Trimagasi, indicando que não se deve falar com as pessoas que estão abaixo, pois estão abaixo, e as pessoas de cima não respondem, pois estão acima. Tal fala parece indicar um senso comum, uma consciência coletiva entendida por todos os habitantes deste lugar. Justamente essa postura faz com que a circulação da comida no Poço se dê de modo insalubre, pois os restos de comida deixados por cada nível acima são negligenciados, pisoteados, cuspidos, jogados,

etc., algo que todos ali parecem ter consciência e repetir como *modus operandi* de essência daquele lugar. Porém, a cada trinta dias, os habitantes do poço são trocados de nível aleatoriamente, podendo ascender ou descender, colocando-os em posição privilegiada ou desfavorecida para comer. A essa altura, os personagens estão no nível 48, um bom nível, segundo Trimagasi.

Diferentemente dos prisioneiros, Goreng entrou por livre vontade no poço, sendo que qualquer pessoa que entra no poço pode levar consigo um objeto, o protagonista leva consigo o livro Dom Quixote. Trimagasi, ao explicar como foi parar no poço, diz que assistiu num comercial televisivo o anúncio de um amolador de facas capaz de fazê-las cortar até mesmo tijolo. No comercial, donas de casa diziam como o amolador Samurai Max mudou suas vidas, facilitando o corte preciso de tomates e de fatias de pães. Entretanto, Trimagasi percebe que tal produto era fútil em sua vida, pois não teria uma utilidade concreta, nem mesmo havia sentido em poder cortar objetos tão duros quanto tijolo. Mas ele começou a se questionar sobre a necessidade de ter algo anunciado como revolucionador de vidas, assim, o comprou. Entretanto, tempo depois, foi anunciada uma faca que se amolava apenas pelo ato de cortar. Pelo surto de raiva, jogou uma televisão pela janela, matando um imigrante ilegal que passava de bicicleta pela rua. Assim, o objeto que ele leva consigo é a Samurai Plus, a faca que se afia cortando.

Ao perceber a lógica do poço, Goreng tenta conversar com os habitantes dos outros níveis, sem sucesso. Pela atitude de tentar um racionamento de comida, Trimagasi pergunta com um certo ar de repulsa se Goreng é comunista. Contudo, com o passar dos dias, Goreng adere ao sistema e repete os comportamentos de Trimagasi e dos demais habitantes dali.

Chegando no final do mês, Trimagasi indica que na manhã seguinte eles estarão em um nível diferente, e, ao ser perguntado por Goreng se acreditava em deus, Trimagasi diz: “esse mês, sim”. Assim, os dois aparecem no nível 171, de modo que o velho amordaça Goreng para poupar problemas e comer sua carne durante o mês de ausência de comida. E, confirmando o que dizia, a plataforma chega sem nem ao menos os ossos na prataria.

Os dias se passam e Trimagasi consegue controlar o jejum, mas a fome é maior do que a capacidade de suportá-la, “não consigo ler, as palavras se misturam”. Assim, o ritual de

canibalismo dá início com Goreng proferindo as palavras: “Quero que o senhor saiba que eu o responsabilizo, nem as pessoas lá de cima, nem as circunstâncias, nem a administração, apenas o senhor”. Com sua Samurai Plus, o velho corta um naco de carne da coxa de Goreng, entretanto, ele é salvo por Miharu, uma mulher que vagueia pelos níveis à procura de sua filha perdida. Deste modo, ao se libertar, Goreng mata o velho e, incentivado por Miharu, come sua carne para manter-se vivo e suportar a ausência de alimentos. “Comer ou ser comido”.

Findado o segundo mês, Goreng acorda no nível 33 com outro companheiro de nível, Imoguiri, uma das pessoas que fazia parte da administração e que entrou, também, voluntariamente, no “Centro Vertical de Autogestão” (CVA). Goreng, durante uma conversa com ela, diz que se o poço possui 200 níveis, logo, comporta 400 pessoas, a comida disponível na plataforma não é suficiente para todos, sendo que ela não chega aos níveis mais inferiores. Mas Imoguiri responde que se as pessoas comecem apenas aquilo que necessitam, a comida chegaria até os níveis mais baixos. “Algo precisa acontecer para que floresça solidariedade espontânea” – diz ela, no que é respondida: “as mudanças nunca se produzem de maneira espontânea”.

Num certo dia, enquanto descia pelos níveis na plataforma, Miharu chega desacordada até o nível de Goreng, onde é salva pelo protagonista. A mulher oriental, depois de recuperada, mata o cachorro de Imoguiri (seu objeto trazido ao CVA). “Solidariedade espontânea cheia de merda. Esse não é um bom lugar para quem gosta de ler”. Depois de Imoguiri entrar em um estado de desolação e conformismo, Goreng começa a preparar as porções de comida, propagando a ideia da companheira.

Passado mais um mês, Goreng acorda no nível 6 com Baharat, um homem negro obstinado a sair daquele lugar. Ele está agitado tentando ser notado pelos habitantes do nível 5, pensando em ser içado por uma corda até os primeiros níveis para poder sair do Poço. Entretanto, ao dizerem que o ajudariam a subir, bolam um artil e acabam por defecar em seu rosto durante sua escalada.

Algum tempo se passa e Goreng volta a pensar no que aprendeu com cada um de seus falecidos companheiros de cela. “As mudanças não se produzem espontaneamente”. Assim,

ele instiga Baharat a descer pelos níveis com ele para fazer a mudança necessária no sistema do Poço.

Ambos se armam e sobem à plataforma, mas são ridicularizados pelos habitantes do nível 5, “Vocês estão ridículos aí em cima”, “espero que matem vocês dois, idiotas”.

Ao descerem ao primeiro nível sucessivo, Baharat grita para que seus habitantes se afastem, enquanto Goreng indica que os primeiros 50 níveis não irão comer, pois estão alimentados enquanto os níveis abaixo estão sem comida há algum tempo. Mas a reação dos habitantes daquele nível foi hostil, recusando-se a ter aquilo que entendiam como seu direito ontológico. “Porra nenhuma, eu estou no 7 e tenho direito de encher o cu de comida! Eu não morri por pouco quando eu estava no 114. Onde vocês estavam?”.

“Se você já esteve em um nível tão baixo, deveria entender”.

“Você é o quê, um messias, um messias que veio nos redimir? O messias multiplica os pães e os peixes, e não tiram da nossa boca! Eu não esperava isso de você, Baharat. E o que você é, o criado negro da porra do branquelo?”. As palavras foram sucedidas por uma tentativa de pegar os alimentos, mas que foi impedida pela agressão dos revolucionários.

Assim, nível após nível Baharat vai coagindo e intimidando os habitantes dos níveis por onde passa, batendo e matando se preciso, de modo que eles não comam para sobrar comida àqueles que mais necessitam nos níveis inferiores. Sua atitude agressiva chega a causar desconforto em Goreng.

“Parem os dois agora mesmo, estão pisando na comida, estúpidos” – Diz “o homem sábio”. “Estamos tentando levar alimento para todos os níveis”. “Isso é muito bom, muito bom, mas a educação é o principal, convencer antes de vencer”.

“Mas e se não convenceremos?” – diz Goreng. “Então bate, mas primeiro, diálogo”. Com isso, o homem sábio diz ser necessário a criação de um símbolo que chegue até o topo do Poço, de forma que as pessoas de lá entendessem a renúncia aos preceitos daquele lugar.

No próximo nível a postura de Baharat muda, de modo que ele tenta dialogar com as pessoas pedindo e convencendo elas a aderir ao movimento. “Amigos, peço encarecidamente que não cheguem perto da plataforma, queremos que vocês participem de um movimento de protesto pacífico que irá mudar inexoravelmente o rumo dos acontecimentos e irá estabelecer

um precedente importante dentro do...” sendo interrompido por sua ouvinte “de que merda tá falando? Fala claro, idiota”. Assim, Goreng explica as intenções dos dois, mas não é ouvido, impedindo-a de comer com um golpe.

Todavia, a partir do nível seguinte, a postura autoritária e intimidadora de Baharat voltou a ser seu principal meio de ação, algo que claramente não era o que Goreng queria. A partir do nível 51, eles começam a entregar porções de comida para as pessoas famintas, mas ainda impedindo por meio da força que elas pegassem mais do que apenas o necessário. Em determinado nível, eles encontram Miharuru sendo atacado por um homem, ambos tentam protegê-la, mas são fatalmente feridos e ela, morta. Nível após nível, o cenário era desolador de formas distintas, com pessoas mortas, suicidadas, assassinadas, pessoas comendo carne humana para sobreviver, até mesmo um velho que tinha escolhido levar muito dinheiro para dentro do Poço, e usou esse dinheiro para tentar comprar a comida dos dois feridos.

Mesmo quase mortos, Baharat tenta proteger o prato de panacota acreditando ser o símbolo necessário para o nível zero ganhar consciência dos problemas do Poço. Entretanto, ao ficarem presos no nível 333 encontram a filha perdida de Miharuru faminta, e mesmo a contragosto, Baharat cede o alimento para saciar a fome da menina. Assim, na próxima descida da plataforma, Goreng conclui que a menina é a mensagem, então coloca-a na plataforma para ser enviada até o nível 0, e vai junto com ela até o fundo do poço antes que a plataforma suba. Numa de suas alucinações, Trimagasi indica que Goreng deve deixar apenas a menina subir. “Eu sou o portador”. “A mensagem não precisa de portador”. E o enredo de encerra com a morte de Baharat no nível 333, a provável morte de Goreng no fundo do Poço e a menina sendo levada até o nível zero.

2. A EDUCAÇÃO LIBERTADORA COMO AÇÃO SOCIAL

Como aludido anteriormente, esta pesquisa é balizada pela teoria educacional de Paulo Freire, nesse sentido, é necessário traçar uma síntese teórica clara para posterior análise do corpus teórico. Em princípios, deve-se considerar dois axiomas como premissas necessárias à

compreensão do construto teórico (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023; Fonseca; Batista, 2023).

I – A educação é um ato político por essência (Freire, 2022a);

II – A educação é um fenômeno que transcende a escola, é uma ação social, portanto, cultural (Freire, 2021b).

Sendo a educação um ato político por essência, ela não é nem pode ser neutra. Toda ação humana é, conscientemente ou não, guiada para um sentido político (não necessariamente partidário). A educação, como toda ação humana, apresenta um *para quê* e *para quem*, sendo assim, também *contra o quê* e *contra quem*. Portanto, ainda que não seja expreso, quem exerce o ato educativo comporta consigo essas dimensões do quefazer humano (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023; Fonseca; Batista, 2023).

Nesse sentido, pode-se distinguir quefazeres que estão em prol dos grupos dominantes ou dos grupos dominados. Essa é a primeira tomada de consciência necessária à uma Educação Libertadora. E vale ressaltar que não existe quefazer neutro, mesmo escolhendo não agir em circunstâncias sociais, isso não significa neutralidade, ao contrário, significa a compactuação com os ideais dos grupos dominantes (Freire, 2022a). Por isso, não somente o ato educativo é político, como também o ato político é um ato educativo, pois ele ensina, e, numa educação para libertação, o político necessita educar-se em conjunto com seus aliados.

Esta última afirmação traz consigo premissas epistêmico-metodológicas. Nesta perspectiva, é necessário recorrer aos momentos da ação libertadora para iluminar a afirmação. São eles: indignação, conscientização, práxis autênticas.

a) Indignação

A indignação foi elencada primeiramente, pois se entende que grande parte dos movimentos por libertação nascem da indignação, entretanto, isso não significa que seja necessariamente o motor destes movimentos. Todavia, como momentos indissociáveis, a indignação deve estar presente, mesmo que subjacente (Freire, 2022c).

A indignação, antes de ser uma atitude, seria um sentimento, um olhar sobre a realidade, a lente pela qual a consciência adentrará a objetividade. Indignação é o sentimento

de não-conformismo com a realidade, isso porque, como seres históricos e conscientes de sua historicidade, os seres humanos são capazes de criar, recriar, refazer, reformar, modificar a realidade, não sendo objetos dela, mas sujeitos (Freire, 2022c). Entretanto, submetidos a situações de opressão, os seres humanos são dominados pela ideologia (na sociedade contemporânea, o capitalismo, a ideologia neoliberal). Para que o sistema capitalista possa se manter, ele induz a criação de uma subjetividade fatalista, uma ideologia que incapacita as pessoas por tirarem de si a indignação enquanto motor de revolução. E não se deve entender indignação como uma birra ingênua ou o anarquismo espontaneísta, mas sim como uma indignação esperançada, esperançosa, que sabe os seres humanos como sujeitos históricos, e não produtos da história, por isso mesmo capazes de refazer a realidade que os oprime e os desumaniza (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023, Fonseca; Batista, 2023). Essa mesma consciência fatalista denunciada por Freire é denominada por Fisher como Realismo capitalista, uma ideologia que atinge os níveis psíquicos humanos para a manutenção de um sistema de contradições (Fisher, 2020). E é esta ideologia que oculta a realidade que precisa ser alvo do momento seguinte que compreende o desnudamento da realidade tal qual ela se apresenta.

b) Conscientização

O processo de conscientização, movido ou pela indignação esperançada, ou pela práxis autêntica, é o desenvolvimento da consciência crítica necessária para compreensão da realidade o mais próximo possível da realidade objetiva (Freire, 2021b; 2021c; 2022a; 2022c; 2022e; Fonseca; Batista, 2023).

A ideologia, enquanto produto cultural humano, faz parte da superestrutura e compõe a realidade subjetiva dos indivíduos. Paulo Freire compreendia que não é apenas necessário agir sobre a realidade objetiva, mas ela é apenas uma das dimensões do fenômeno, pois a compreensão que os sujeitos têm dela é tão importante quanto, sendo necessária uma ação nas duas frentes do fenômeno (Freire, 2021b).

Fazer com que a cognição humana capte as nuances mais intrínsecas da objetividade é necessário não apenas para que a ação libertadora aconteça, mas também para uma coerência

metodológica. Isso porque a ação libertadora não pode se valer dos mesmos meios que os grupos dominantes utilizam, neste caso, a alienação. Assim, para a ação libertadora, é necessário que os sujeitos tomem consciência autônoma, não seja uma ação impositiva daqueles que sabem sobre os que não sabem. É necessária uma democracia radical para a libertação e não apenas uma dominação pintada de libertação. Com isso, é possível, enfim, uma prática que liberte os indivíduos de forma coletiva e democrática (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023; Fonseca; Batista, 2023).

c) **Práxis autêntica**

Não apenas prática, nem tampouco apenas teoria. A práxis é uma unidade dialética entendida na teoria freiriana como a prática consciente, a ação libertadora que, por meio da consciência crítica, sabe-se, compreende-se, não é senão uma prática alicerçada sobre a teoria (Freire, 2022a; 2022d; 2022e).

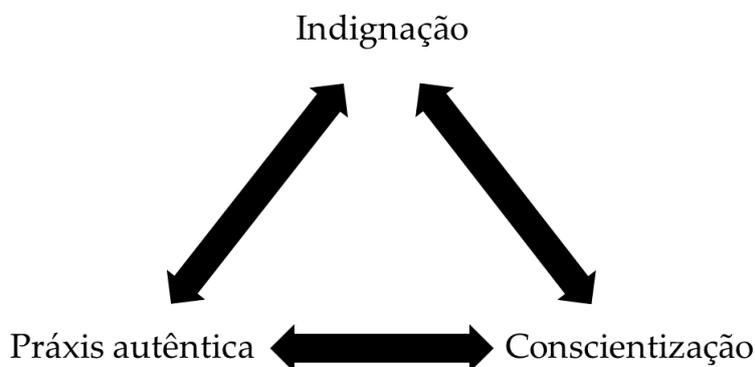
A práxis é, necessariamente crítica e democrática. Em convergência com todo restante da teoria Libertadora, não pode existir uma práxis que tenha consciência de *a favor de quem e para quem* age, assim como contra *o quê* e contra *quem*. E democrática, porque sabe que a libertação não é nunca doada, apenas conquistada, não é nunca autoritária, mas verdadeiramente tolerante, coletiva, amorosa, que existe enquanto unidade na diversidade (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023).

É na práxis autêntica, que se dá num tempo e num espaço, numa sociedade e numa cultura, que as mulheres e homens se humanizam, transformam-se em sujeitos sobre uma realidade opressora e desumanizante. Alterando as condições física e ideológicas de opressão, os seres humanos, corpos conscientes, podem se realizar enquanto potência, num processo contínuo de ser mais, de seres em libertação constante (Freire, 2021a; 2022a).

É importante considerar que estes são momentos e não são necessariamente lineares, pois, antes de ser um método rígido e subjetivo, é uma metodologia que compreende a relação dialética entre realidade objetiva e realidade subjetiva. Por isso, a Figura 1 ilustra as relações

entre os momentos de forma geral, considerando que são interdependentes, mas também são dependentes da realidade concreta.

Figura 1 – Momentos da ação libertadora.



Fonte: autoria própria.

Já o segundo axioma (A educação é um fenômeno que transcende a escola, é uma ação social) infere sobre o *locus* de ação libertadora. A educação como expressão da cultura humana, transcende as barreiras físicas da escola, na verdade, existe enquanto fenômeno inerente à potência humana do Ser mais, enquanto a escola é um construto social, nem sempre presente, e quando presente, nunca da mesma forma. Não se infere, entretanto, que não exista uma importância inerente à escola na sociedade contemporânea, ao contrário, sabendo de seus limites, entende que a libertação pode acontecer em várias esferas sociais, não incumbe somente a escola desta função, assim como não lhe nega essa potência. Nesse sentido, considerar-se-á toda a discussão levantada até aqui como elemento político-educativo, e que, por isso, compreende, **também**, a escola.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, e se utiliza da técnica de pesquisa documental para a constituição dos dados e realiza a análise dos dados à luz da teoria da Educação Libertadora de Paulo Freire, por isso, uma pesquisa de caráter dedutivo.

A pesquisa qualitativa é cooptada aqui devido ao objetivo a ser atingido, sendo este voltado para a compreensão de um fenômeno social em suas características mais profundas, visando não apenas a descrição, mas também a formulação de interpretações, inferências e críticas (Zanella, 2011; Goldenberg, 2011; Creswell, 2014; Dourado; Ribeiro, 2021; Magalhães Júnior; Batista, 2021).

Com este olhar qualitativo, a técnica de pesquisa documental se justifica pelo *lôcus* dos dados, ou seja, como e de onde emergirão os dados necessários à pesquisa (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015; Cechinel *et. al.*, 2016). Como o evento se dá por meio da representação audiovisual de um fenômeno específico, faz-se uso de uma técnica capaz de descrever e interpretar um documento, um retrato de uma cultura num tempo e num espaço (Fontana; Pereira, 2021). Um documento “pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica” (Cellard, 2008, p. 297). Fontana e Pereira (2021) sistematizam a pesquisa documental em três etapas: I – Pré-análise: contato primeiro com o filme para aproximação com o material; II – Organização do material: separação do corpus teórico para análise tal qual operado na seção de descrição do filme; III – Tratamento dos dados: análises e inferências aprofundadas frente ao referencial teórico, presente nas seções seguintes. Sendo assim, a pesquisa segue esta estrutura até chegar nas inferências que culminam na crítica geral aos processos de libertação desenvolvidos com os mecanismos de dominação.

O caráter de pesquisa dedutiva se dá na forma de uma teoria pré-existente para iluminar um evento específico (Descartes, 2001). Nesta pesquisa, a Educação Libertadora de Paulo Freire compreende o construto teórico base para analisar o fenômeno apresentado no filme “O Poço” (2019; Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023).

4. ANÁLISE DA EDUCAÇÃO PARA LIBERTAÇÃO NO FILME “O POÇO”

Anterior a qualquer discussão que se desenvolva aqui, é necessário evidenciar que, invertendo o primeiro axioma, o ato político é um ato educativo (Freire, 2022a). Essa

colocação é central para evitar qualquer equívoco epistemológico ao longo do processo, pois, no enredo do filme não é apresentada nenhuma ação educativa conforme o senso comum, entretanto, Paulo Freire considera que todo ato político é também um ato educativo (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023; Fonseca; Batista, 2023).

Essa afirmação se deve ao fato de a educação ser compreendida pelo autor como uma atividade não meramente social, ou, mais profundamente, uma atividade epistemológica. Mais profunda e criticamente entendida, a educação é uma ação gnosiológica, possível aos homens e mulheres devido à diversos aspectos que se complexificam biológica, psíquica e socialmente, apenas possível pois, sendo historicamente inacabados e conscientes disso, os seres humanos podem se educar (Morin, 2007; 2016; Freire, 2021a). E a educação não necessita de um *locus* específico, nem tampouco acontece uniforme e indistintamente. Essas considerações são importantes para compreender as ações do protagonista Goreng, já que sua ação é política e não pedagógica, mas ainda assim, educativa.

Entretanto, seguindo a cronologia do filme, far-se-á a análise dos elementos centrais e importantes a esse trabalho. A produção tem seu início com a apresentação da funcionalidade do Poço, que vai fazendo simultaneamente protagonista e o espectador submergirem à dinâmica do lugar. No primeiro momento, a atitude de estranhamento devido à distância epistemológica que o protagonista tinha do local faz com que ele tenha um sentimento de indignação ingênua, pois não compreende as razões de ser o fenômeno que se deparou, também não sendo assertivo quanto sua iniciativa de fazer com que o alimento chegasse aos últimos níveis, mesmo que bem-intencionado.

A frase de Trimagasi é genuína para adentrar a filosofia do Poço, “existem 3 tipos de pessoas: as de cima, as de baixo e as que caem”. Percebe-se a clara distinção entre classes que existe naquela prisão, e, claro, uma metáfora com a hierarquização existentes entre grupos no seio do capitalismo. Essa distinção é característica intrínseca ao Realismo capitalista (Fisher, 2020), logo, à ideologia fatalista neoliberal, pois, sem que haja uma unidade na diversidade (Freire; Faundez, 2021), os habitantes do Poço não se compreendem como igualmente oprimidos, pertencentes a uma classe única e que briga entre si, por causa daqueles que estão

acima deles, por recursos dos quais nenhum deles é detentor verdadeiro (Marx, 2015a; Marx; Engels, 2022).

O fato de Goreng ter entrado espontaneamente no Poço e trazer consigo um livro parece remeter à uma metáfora sobre a ação libertadora. Muitas vezes, conscientes de uma realidade que oprime outros grupos, pesquisadores ou pessoas dispostas a ajudar adentram em situações coletivas portando apenas uma visão distinta, talvez mais crítica, que aqueles que se encontram imersos na realidade tal qual ela se dá, e boas intenções. Isso faz com que seus intentos de revolução sejam frustrados pela falta de conhecimento daquela realidade, já que as experiências humanas não podem ser transplantadas, apenas reinventadas (Freire, 2021a; 2021b; 2021c; 2021d; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2022e; Freire; Faundez, 2021; Freire; Macedo, 2023; Fonseca; Batista, 2023).

Quanto ao incidente que premedita a entrada de Trimagasi do Poço, percebe-se uma consciência crítica sobre a questão da influência da mídia na construção das subjetividades, já que mesmo sem precisar comprar um amolador de facas ou uma faca que se amola sozinha, ele não consegue se desvencilhar do sentimento consumista. Nesse sentido, é possível evidenciar a educação enquanto ato que transcende a escola, seja uma educação bancária, alienante, ou uma educação para a libertação, pois a mídia exerce um poder educativo capaz não apenas de moldar as ideias, concepções de mundo, como fomentar práxis reformantes ou revolucionárias (vide a influência da mídia em eleições como a de 1989, ou o *impeachment* - golpe parlamentar – de 2016 da presidenta Dilma). A mídia tem um alcance significativamente maior que a escola, e se afirma isso considerando o impacto que ambas vêm exercendo sobre os rumos sociais, pois toda ideologia precisa ser ensinada, cativada, cultivada no seio social, não é adquirida por osmose.

Ao final do mês, antes da troca de nível, Trimagasi, respondendo Goreng, diz acreditar em deus naquele mês. É interessante notar as várias nuances captadas pelo filme, neste caso, a influência da religiosidade nos recortes de classe. Frequentemente, o sentimento religioso impele pessoas a atribuir benefícios vividos à bondade divina, enquanto os malefícios são creditados, assimetricamente, à ação humana (Dawkins, 2007). Noutro espectro, existem condições em que esse sentimento religioso não consegue suportar os infortúnios da realidade

objetiva, fazendo do sentimento de descrença uma revolta contra as condições igualmente causadas ou possibilitadas pela consciência divina, como o depoimento encontrado num campo de concentração alemão: “se existir um deus ele terá que implorar pelo meu perdão”. Entretanto, via de regra, o sentimento religioso costuma ser mais predominante em países marginalizados, sendo este sentimento o único conforto das classes oprimidas, talvez seu ópio imobilizador (Marx, 2015b).

Ao trocarem de nível (171), Goreng se depara com as primeiras consequências direta da desumanização sofrida e vivida pelas classes mais abastadas, marginalizadas, os esfarrapados do mundo. Seu companheiro de cela, compelido pelas circunstâncias, vê-se obrigado a consumir a carne de Goreng para sobreviver e impedir que a fome desencadeie sua morte, sendo idoso, mais fraco e menos resistente. “Falar me esgota”. “Calar te esgota”. Essas palavras representam a ação antidialógica necessária aos sistemas de dominação, impossíveis numa educação para a libertação.

Antes do ritual de canibalismo, as palavras ditas por Trimagasi revelam como o recorte de classe tem total relação com a educação: “não consigo ler, as palavras se misturam”. A ação político-pedagógica crítica entende que as necessidades biológicas são irremediáveis, sendo necessárias ações de reparação histórico-social, das necessidades básicas, antes de uma luta cultural. Mais efetivas se atuarem em conjunto. Já a resposta de Goreng evidencia o caráter dialético da realidade opressora: “quero que o senhor saiba que eu o responsabilizo, nem as pessoas lá de cima, nem as circunstâncias, nem a administração, apenas o senhor”. Não é coerente atribuir todas as responsabilidades de um evento sobre os sujeitos tal qual a ideologia neoliberal realiza, já que, sendo fruto de uma realidade objetiva, os indivíduos marginalizados sobrevivem conforme conseguem: não são relações horizontais que se desenvolvem socialmente, ao contrário, para que existam opressores, é necessário haver oprimidos, “comer ou ser comido”. Entretanto, não é possível eximir os sujeitos de sua ética, pois a realidade objetiva não os determina, apenas os condiciona. Essas relações contraditórias entre condicionamento e ética devem compor a visão crítica dos movimentos pela libertação.

Já com sua próxima parceira de cela, Imoguri e Goreng dialogam: “algo precisa acontecer para que floresça solidariedade espontânea”. “As mudanças nunca se produzem de maneira espontânea”. Num canto, tem-se a compreensão de que a solidariedade é um dos elementos que precisa emergir para a ação cultural de libertação, já noutra a compreensão de que as mudanças circunstanciais, sejam da realidade objetiva ou subjetiva não se produzem sem intervenção que intencionalmente conduza à libertação. Nesse sentido, Imoguri, com ações individuais, sem a conscientização necessária, tenta fazer com que os demais façam o que ela pede, sem sucesso. Assim, Goreng se revolta contra aqueles que não entendem a necessidade de mudar a realidade opressora do Poço e usa de ameaças e coerção para que as atitudes mudem, ainda uma indignação ingênua. “Solidariedade espontânea cheia de merda. Esse não é um bom lugar para quem gosta de ler”.

Findando mais um mês, Goreng volta aos níveis profundos do Poço, agora no nível 202, de novo sujeito à opressão das pessoas acima, sem recursos, com a única saída sendo se alimentar da carne da companheira suicidada. Nesse sentido, ainda que o filme se debruce sobre alucinações causadas pelas condições do lugar, é possível traçar um paralelo com o sofrimento psíquico infligido pela ideologia neoliberal, na qual a saúde mental do proletário é deteriorada, seja com as condições de trabalho sub-humanas, seja com os ideais de produtividade e individualização dos problemas e das soluções para os problemas sociais (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2022).

De volta aos níveis superiores do Poço, Goreng agora está com Baharat, alguém que está obstinado a sair daquela situação. Os primeiros diálogos de Baharat com as pessoas do nível 5 são emblemáticas, já que, ao pedir ajuda para sair dali, é respondido: “Acredita em deus?”. “Sim, eu acredito em deus.”. “Mas em que deus você acredita?”. “No único, no único e verdadeiro deus”. “Ele disse que acredita no mesmo deus que nós, querida”. “Só estou de passagem, eu prometo. Deus falou comigo, ele quer que eu saia do Poço”. “Está dizendo que deus falou com ele. O que ele te disse exatamente?”. “Que duas almas piedosas me ajudariam a sair do Poço. E que ele os recompensaria por isso”. “E como é que ele vai nos recompensar?”. “Com a vida eterna!”. “Com a vida eterna! Nada mal. Não é um mal negócio por ajudar um negro”.

Convergindo para o mesmo sentido do que já discutido sobre religião e religiosidade, este diálogo alonga as compreensões sociais da religião como aparelho ideológico que corrobora o realismo capitalista (Fisher, 2020), a religião como ópio do povo (Marx, 2015b), ou como grupo social opressor (Dawkins, 2007). Como acontece frequentemente no seio social, grupos religiosos, gozando de seu poder, oprimem grupos sociais como a comunidade Queer, com discursos homotransfóbicos travestidos de discurso religioso ou científico, ou a validação de seres humanos que compartilhem apenas dos mesmos preceitos religiosos que os grupos dominantes. Fica evidente que o discurso utilizado por Baharat foi justamente para ser cooptado pelo grupo dominante como um deles, mas isso não foi suficiente, pois o racismo daqueles era fator de distinção entre ambos, além da classe.

Nesse sentido, Freire indica que o recorte de classe, por vezes, não é suficiente para entender as dinâmicas sociais, sendo necessária uma intersecção com o conceito de “grupos sociais”, pois existem diversos elementos corporais e ideológicos utilizados pelas classes dominantes para a inferiorização, para a desumanização. E todo esse aparato ideológico é cooptado pela realidade subjetiva das classes dominadas como o germe do opressor que lhes habita (Freire, 2022a). Por isso, a ação cultural para a libertação não pode se valer dos mesmos mecanismos, encontrando uma unidade na diversidade, sendo que essa unidade encontrou resistências dentro dos movimentos progressistas (Trevisan, 2018), tal qual indicado pela teoria do germe opressor que habita o oprimido de Freire (2022a).

Assim, a indignação esperançosa toma conta de Goren e Baharat, que resolvem tomar uma postura revolucionária, de libertação dos habitantes do Poço. Este é um elemento importante, pois reifica o que Freire preconizou em seus escritos como o processo de libertação ser um processo de comunhão, e não realizado pelos intelectuais no berço de seus privilégios. “O seu equívoco está em que ninguém se salva sozinho – qualquer que seja o plano em que se encare a salvação – ou como classe que oprime, mas com os oprimidos, pois estar contra eles é o próprio da opressão” (Freire, 2022a, p. 196).

A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma

liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros (Freire, 2022a, p. 74).

Essa impossibilidade se dá pela constituição ontológica dos sistemas de opressão. Acreditar estar livre dos sistemas de opressão enquanto os demais não, através da autolibertação, demonstram uma compreensão ingênua da realidade social. Ou se continua no campo dos oprimidos aderido à ideologia dominante acreditando fazer parte de um grupo ao qual não pertence (ausência de consciência de classe), ou se torna mais um a compor o séquito de opressores.

Desenvolvido o sentimento de indignação, a ação cultural para liberdade encontra seu catalizador, mas isso não é o bastante. “Vocês estão ridículos aí em cima”, “espero que matem vocês dois, idiotas”. Falas como essa representam as resistências aos movimentos de libertação, pois, sendo o âmago social habitado pelas lutas de classe, ou seja, pelas contradições entre os grupos, não se pode pensar numa ação de contracultura que não receba resistências, sejam ideológicas, sejam práticas, como os próximos parágrafos evidenciam.

Já no nível seguinte, iniciando a ação para libertação, Goreng e Baharat (principalmente este último) iniciam uma ação de coerção por meio da força, materializando uma desigualdade artificial para conquistar uma igualdade real, ou seja, equidade. No diálogo a seguir, é apresentado o contexto da contradição de interesses: “porra nenhuma, eu estou no 7 e tenho direito de encher o cu de comida! Eu não morri por pouco quando eu estava no 114. Onde vocês estavam?”. “Se você já esteve em um nível tão baixo, deveria entender.”. “Você é o quê, um messias, um messias que veio nos redimir? O messias multiplica os pães e os peixes, e não tiram da nossa boca! Eu não esperava isso de você, Baharat. E o que você é, o criado negro da porra do branquelo?”.

Ainda que todos ali dentro sejam oprimidos pelo sistema do Poço, nesta situação, representam aqueles que oprimem e os oprimidos. Na ação cultural de libertação, é necessário que aqueles que oprimem percam as condições objetivas e subjetivas que possibilitam a opressão para que os oprimidos se vejam fora destas relações de opressão. Entretanto, os

grupos dominantes têm na sua falta superioridade ontológica a justificativa para não abrirem mão. Para eles, perder o poder de oprimir é uma atitude opressora, pois, assim como os oprimidos encontram-se molhados pela realidade que habitam, também o estão os opressores. Assim, perder um poder que historicamente lhes pertencia não é visto como libertação, mas sim como tentativa de tirarem de si aquilo que lhe é de vocação ontológica, muitas vezes até divina.

Nesse sentido, os embates entre grupos religiosos e Queer se desenvolvem nitidamente. Ao se lutar contra o direito daqueles de oprimirem estes, acreditam estar sendo violados no seu direito de liberdade religiosa, o que não é menos que a maquiagem ideológica da perda de poder pelos opressores. Nesse sentido, os grupos opressores utilizam de todas as ferramentas que dispõem para a manutenção do *status quo*, como os poderes político, ideológico, militar, social etc.

Além desta justificativa ontológica para a opressão, os opressores contam com ardis mais sutis, como dividir para conquistar. Isso é nitidamente observado na fala racista do personagem do diálogo acima, já que “dividir para manter o *status quo* se impõe, pois, como fundamental objetivo da teoria da ação dominadora, antidialógico” (Freire, 2022a).

A necessidade de dividir para facilitar a manutenção do estado opressor se manifesta em todas as ações da classe dominadora. Sua interferência nos sindicatos, favorecendo a certos “representantes” da classe dominada que, no fundo, são seus representantes, e não de seus companheiros; a “promoção” de indivíduos que, revelando certo poder de liderança, podiam significar ameaça e que, “promovidos”, se tornam “amaciados”; a distribuição de benesses para uns e de dureza para outros, tudo são formas de dividir para manter a “ordem que lhe interessa” (Freire, 2022a, p. 194).

Além disso, as classes opressoras podem contar com o germe opressor que habita nos oprimidos, fazendo com que dissidentes do movimento sejam vistos como exemplos da assertividade da ideologia dominante. Mas este germe não nasce espontaneamente, é preciso que a ideologia dominante se entranhe por dentro das classes oprimidas, isso pode acontecer mesmo antes das ações culturais para libertação, ou depois de estabelecido o movimento.

Na sequência, Baharat adere a ação cultural que utiliza os métodos antidialógicos dos grupos opressores, acreditando estar em prol das classes dominadas, até que seu encontro com o homem sábio lhe modifica a compreensão dos métodos a serem utilizados. “A educação é o principal, convencer antes de vencer”. “Mas e se não convenceremos?”. “Então bate, mas primeiro, diálogo”. Essas passagens indicam que existem limites para a ação cultural para a libertação que passem pelo diálogo. O processo de conscientização é indispensável, entretanto, ao se lidar com os poderes opressivos do Estado, por exemplo, chega momentos em que o diálogo se esgota na urgência das vidas que estão sofrendo e não podem esperar que a libertação chegue até elas. Nesse sentido, Freire nunca evidenciou inclinações, mas defende-se aqui que existem situações emergenciais que devem ser remediadas, e se não o forem, as massas devem cooptar pelo uso consciente da força. Na antiga Hélade, existia uma deusa que comportava ambos os epítetos, tanto da sabedoria (conscientização) como da guerra (uso da força), neste caso, Atena (Brandão, 2015a). E desta compreensão consciente do uso da força como estratégia de ação cultural, esgotados os mecanismos dialógicos, é que se afirma sua necessidade.

Além do uso consciente tanto do diálogo como da força, o homem sábio infere: “a administração não tem consciência. No entanto, existe uma possibilidade mínima de que as pessoas que trabalham no nível zero tenham. A mensagem precisa ser endereçada a elas. E como fazer isso? Com um símbolo! Precisamos que um prato delicioso e impecavelmente apresentado volte intacto ao nível zero. Já imaginaram a cara que elas ficarão ao ver que um prato foi devolvido?”. Assim, ao passo que a ação cultural para libertação se dá, é importante o desenvolvimento de símbolos para representar a resistência, a ação de contracultura necessita de elementos culturais que fortaleçam o movimento e conscientizem as classes dominantes, na medida do possível, claro.

É evidente a necessidade de constante aprendizado, de conscientização, pelos movimentos de libertação para uma ação coerente, nunca bancária da realidade.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo

educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (Freire, 2022a, p. 96).

Assim, no próximo nível, Baharat tenta mudar sua postura, expressa no diálogo: “amigos, peço encarecidamente que não cheguem perto da plataforma, queremos que vocês participem de um movimento de protesto pacífico que irá mudar inexoravelmente o rumo dos acontecimentos e irá estabelecer um precedente importante dentro do...”. “De que merda tá falando? Fala claro, idiota”. Aqui, o componente intelectualista presente em muitos movimentos de libertação é satirizado através da denúncia. Mesmo tentando uma postura diferente da anterior, Baharat recorre a um estilo linguístico que não é característico das classes dominadas, sendo assim, não falando *com elas*, mas *para elas*. Ao falar com alguém, a centralidade está sobre ato cognoscível, ou seja, sobre a compreensão daquilo que se fala, o que implica uma resposta, a essência da construção do conhecimento através da dialogicidade (tese-antítese-síntese). Enquanto o ato de falar para alguém se abstém dessa dialogicidade, pois o que se desenvolve não é um diálogo, mas bancarismo, um depósito cognitivo que visa apenas a reprodução, não entendimento.

Não podendo ser diferente, a reação dos ouvintes daquele nível foi hostil, fazendo com que Baharat voltasse a utilizar seus métodos coercivos. Algo a ser notado durante sua passagem pelos outros níveis foi a presença de um jovem com síndrome de Down dizendo que mataria seu companheiro de nível para comê-lo. Isso proporciona uma interpretação quanto ao sistema capitalista de produção da realidade: intencionalmente o filme ilustrou personagens de diversas etnias, homens e mulheres, brancos e negros, pessoas com deficiência e neurotípicos, idosos e adultos e criança, além de se debruçar sobre questões religiosas. Assim, percebe-se uma alusão ao impacto do sistema em todos os grupos sociais, sendo que tais recortes compõem os sistemas de opressão incorporados pelo capitalismo, embora prescindam esse sistema historicamente.

Finalizando o filme, Goreng, após a morte de Baharat, abre mão do símbolo, a panacota, para saciar a fome da filha de Miharu que habitava o último nível, 333. Notavelmente, ainda que acontecesse a conscientização e a mudança de postura com a solidariedade coletiva no Poço, a comida não era suficiente para tantos níveis, totalizando 666

pessoas. É de se fazer notar que no sistema capitalista, ainda que os recursos sejam ampliados e divididos igualmente entre os oprimidos, é necessário extinguir as relações de opressão para uma real mudança sistêmica. Enquanto poucos acumulam muito e muitos acumulam pouco, a biosfera enquanto sistema não é capaz de sustentar as necessidades de recursos, a revolução anticapitalista é indispensável para a sobrevivência da espécie humana e a manutenção de muitas outras no planeta.

Por fim, Goreng coloca a filha de Miharuru para ser levada pela plataforma até o nível zero. É curioso notar que ela era habitante do último nível e foi ascendida como forma de protesto ao sistema. Esse último fato parece ser uma metáfora para o que Paulo Freire chama de humanização: a única forma de Ser mais é possibilitando que o outro também seja, pois se ele não é, também não posso ser (Freire, 2021a). A humanização é a real forma de se opor a um sistema que tem em sua essência a desumanização humana em prol do capital, a vida não é mais que um bem a ser explorado e só é útil se atende aos interesses do capital.

5. CONCLUSÕES

Através da arte, é possível tomar distância epistemológica da realidade concreta para admirá-la, conforme Freire já descrevera e tomara como método para conscientização na alfabetização de adultos no Brasil e mundo à fora. Desta forma, analisar o filme “O Poço” como um documento histórico revela fatos corriqueiramente esquecidos pelo quefazer da ação cultural para a libertação.

Em primeiro lugar, uma ação cultural libertadora necessita ser radicalmente democrática, nunca bancária. A democracia é o elemento central de todo quefazer libertador e deve compor o ideário de todos os movimentos que se coloquem a favor dos oprimidos e contra os opressores. Entretanto, a libertação não deve ser entendida como processo de troca de posições dentro de um sistema: de oprimido, tornar-se opressor, antes disso, significa quebrar a lógica oprimido-opressor para criar um novo quefazer humano, que corresponda às necessidades desse período de homens e mulheres em constante libertação.

Além disso, é necessário vivenciar durante a prática libertadora os momentos indissociáveis: indignação, conscientização e práxis. Sem práxis, a indignação consciente se perde no idealismo que nada mais faz que se abster de uma ação assertiva quanto às mudanças necessárias. Sem a conscientização, a prática indignada se perde no ativismo, na ação desproblematizada, que não tem dimensão teórica da admiração da própria realidade tal qual ela se dá. E sem a indignação, a práxis consciente sequer existe, já que a consciência crítica não é fatalista, imóvel, e essa mobilidade se dá através da indignação, pois nem apenas de conhecimentos se fazem ações, ao contrário, os seres humanos necessitam de emoções e sentimentos como as catalizadoras da ação de contracultura.

Com isso, é cada vez mais urgente revisitar as teorias críticas da ação cultural para libertação, sejam elas gerais ou aplicadas diretamente à escola, pois o realismo capitalista impossibilita uma ação autenticamente transgressora. Nesse sentido, muito se alude sobre modificar a realidade, mas o máximo que grande parte das teorias nesse sentido vêm fazendo é atender aos interesses do capital vendendo uma teoria antissistema enquanto produto do capital, que de nada têm de radicalmente democráticas ou realmente antissistema.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 26. ed, v. 1. Petrópolis – RJ: Editora Vozes. 2015a.

CECHINEL, André; FONTANA, Silvia Aparecida Pereira; DELLA, Kelli Giustina Pazeto; PEREIRA, Antonio Serafim; Prado, Silvia Salvador do. Estudo / Análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**, 5 (1): 1-7, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/2446>. Acesso em 30 dez. 2022.

CELLARD, André A. Análise documental. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: companhia das Letras, 2007.

DESCARTES, Renné. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DOURADO, Simone.; RIBEIRO, Ednaldo. Metodologia qualitativa e quantitativa. *In*: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 1. ed. edição. Maringá: Massoni, 2021.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONSECA, Marcos Orso da; BATISTA, Michel Corci. Pressupostos para um currículo libertador: pensando o documento a partir de Paulo Freire. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1–18. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/66128>. Acesso em 10 jul. 2023.

FONTANA, Felipe.; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa Documental. *In*: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 1. ed. edição. Maringá: Massoni, 2021.

FREDERICO, Celso. Classes e lutas sociais. CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF, 2009.

115

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022e.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Direitos Humanos e Educação Libertadora: Gestão democrática da Educação Pública na cidade de São Paulo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação como prática da liberdade**. 51. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação e Mudança**. 46. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022c.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Solidariedade**. 4. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Tolerância**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2022b.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do oprimido**. 82. ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2022a.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Política e Educação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2022d.

FREIRE, Paulo Reglus Neves; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo Reglus Neves; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2023.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.

I ILHA DAS FLORES. Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre. 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hh6ra-18mY8>.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015.

MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 1ª edição. Maringá, PR. Gráfica e Editora Massoni. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2022.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2015a.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015b.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2023.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina. 2007.

O POÇO. Direção de Galder Gaztelu-Urrutia. Espanha: Netflix 2019.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (Orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

SILVA, Edlaine Santos Barros da. Uma breve análise sobre a correlação entre o filme “O Poço” e o modelo socioeconômico contemporâneo. **Revista Direito no Cinema**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 17–22, 2020. Disponível em:
<https://itacarezinho.uneb.br/index.php/direitonocinema/article/view/8896>. Acesso em: 11 jul. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.